



A iliteracia moral e política no Terceiro Reich e o trauma da memória do Holocausto na geração do pós-guerra – *Der Vorleser* [O Leitor] (1995) de Bernhard Schlink

The moral and political illiteracy in the Third Reich and the
trauma of the memory of the Holocaust in post-war generation
– *Der Vorleser* [The Reader] (1995) by Bernhard Schlink

Ana Maria Pinhão Ramalheira

Universidade de Aveiro. Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC)

PALAVRAS-CHAVE: O LEITOR, BERNHARD SCHLINK, VERGANGENHEITSBEWÄLTIGUNG, GERAÇÃO ALEMÃ DO PÓS-GUERRA, EUROPA, TRAUMA DO PASSADO, BANALIDADE DO DO MAL.

KEYWORDS: THE READER, BERNHARD SCHLINK, VERGANGENHEITSBEWÄLTIGUNG, GERMAN POSTWAR GENERATION, EUROPE, PAST TRAUMA, BANALITY OF EVIL.

Numa longa entrevista dada em 2000 à revista *Der Spiegel*, o já então internacionalmente famoso escritor alemão Bernhard Schlink (*1944) afirmava, respondendo às inteligentes questões que lhe iam sendo colocadas pelos jornalistas Martin Doerry (*1955) e Volker Hage (*1949), a propósito de um certo cepticismo que ressuma do romance *Der Vorleser* [O Leitor] em relação à sua própria geração:

Wir sind eine sehr selbstgerechte Generation gewesen - und geblieben. Denken Sie nur an den moralisierenden Ton, den es bis heute gibt. Das wird gerade beim Parteigelderskandal und wurde davor beim Kosovo-Krieg deutlich. Die Vergleiche zwischen der Vertreibung der Albaner und dem

Holocaust fand ich fatal - es gab sie auch nur in Deutschland. Etwas Ähnliches ist bei der Bewältigung der DDR-Vergangenheit passiert, wo oft gesagt wurde: Bei der Bewältigung der Nazi-Vergangenheit haben die Richter versagt, wir, die Richter der 68er Generation, machen es richtig! Als wenn die DDR mit dem Dritten Reich vergleichbar wäre! Mir ist er unheimlich, dieser selbstgerechte moralische Eifer. (Apud Doerry & Hage, 2000, p. 183)

[Nós fomos uma geração muito hipócrita – e continuamos a ser. Pense só no tom moralizante que permaneceu até hoje. Ele verifica-se ainda agora no escândalo em torno do financiamento dos partidos e anteriormente na Guerra do Kosovo. Considerei fatais as comparações entre a expulsão dos albaneses e o Holocausto – e só se verificaram na Alemanha. Algo de semelhante se passou na forma como se lidou com o passado na RDA, tendo-se ouvido amiúde dizer que os juízes falharam na forma como lidaram com o passado nazi, mas nós, os juízes da Geração de 68, fazemo-lo correctamente. Como se a RDA fosse comparável ao Terceiro Reich! Considero assustador este zelo moral hipócrita.] [Tradução minha]¹

À semelhança das grandes obras literárias, que logram subsistir à corrosão do tempo, esse grande escultor, como diria Marguerite Yourcenar, o romance *Der Vorleser*, apesar de ter sido publicado pela primeira vez há 20 anos, continua a interpelar-nos sobre questões que ainda hoje nos afligem, tais como, entre outras, as formas que o mal pode assumir nesta Europa a braços com o acolhimento de uma multidão de migrantes que fogem da guerra e da fome e o ressurgimento de forças políticas radicais. Curiosamente, em entrevista ao portal francês Mediapart, a autarca de Lampedusa, Giusi Nicolini, denunciava sem reboço há já dois anos que estava em curso “um holocausto moderno” no Mediterrâneo (apud Fouteau, 2013).

É óbvio que não cabe aqui discorrer sobre os recentes muros erguidos na Hungria ao longo das fronteiras com a Sérvia e com a Croácia, sobre a indignidade, e até violência, com que têm vindo a ser tratados muitos dos milhares de refugiados que logram chegar ao Velho Continente, sobre o significado profundo da inqualificável rasteira passada por uma operadora de câmara húngara a um migrante que carregava uma criança ou da criança afogada que recentemente deu à costa na Turquia, enfim, sobre o relativismo, o hedonismo, o egoísmo, o embotamento de valores e a desunião que grassam nesta União Europeia, em que Estados irmanados pelas mesmas raízes — a grega, a judaico-cristã e a da ciência, as três matrizes da Europa, como sublinha Eduardo Lourenço (2013, p. 9) — continuam

¹ No presente artigo procederei apenas à tradução das citações em alemão e em francês.

a comportar-se frequentemente qual Abel e Caim, incapazes de se entender na resolução de aspectos essenciais ao bem-estar dos seus cidadãos, incluindo na concertação de uma política humanitária sustentável de acolhimento e de apoio a migrantes e refugiados.

O romance *Der Vorleser*, que motivou este breve excurso em jeito de introdução, foi dado à estampa pela primeira vez em língua alemã em 1995, com a chancela da editora suíça Diogenes (Schlink, 1995). A respetiva versão inglesa, vinda a lume dois anos mais tarde nos Estados Unidos da América do Norte, tornou o livro num verdadeiro *bestseller* internacional.

O romance incide, em última instância, sobre o conflito de gerações na Alemanha, designadamente entre a geração que viveu durante o Holocausto, a chamada *Tätergeneration* [à letra, Geração dos Perpetradores] e as dos que nasceram depois da Segunda Guerra Mundial, as Gerações dos *Nachgeborene*, condenadas a ter de lidar com um passado recente traumático que envolvia toda uma nação (cf. Assmann, 2006, pp. 16, 103, 214, *passim*). Com efeito, Schlink debruça-se sobre o modo como a sua geração, a dos *Nachgeborene*, tem vindo a lidar com a “longa sombra do passado” nacional-socialista, para usar uma afortunada expressão da conhecida anglicista, egiptóloga e especialista em Estudos Culturais Aleida Assmann². A fábula de *Der Vorleser* resume-se a uma singular história de amor, que o narrador autodiegético, o jovem estudante Michael Berg, oriundo de uma família da classe média letrada, enceta aos quinze anos de idade com Hanna Schmitz, uma revisora da Companhia dos Eléctricos e ex-guarda de um campo de concentração, vinte e um anos mais velha do que ele. Hanna representa a *Tätergeneration* e Michael pertence à Geração de 68, a primeira geração do pós-guerra, interpelada por Bertolt Brecht em 1939 no seu famoso poema “An die Nachgeborenen” [Aos vindouros], expressão que viria a ser usada posteriormente para designar as gerações que se seguiram ao regime nacional-socialista.

Bernhard Schlink nasceu em 1944, exerceu, entre outras, as funções de juiz no Tribunal Constitucional no Estado de Renânia do Norte-Vestfália (1988-2005) e leccionou Direito Público e Filosofia do Direito em diversas universidades alemãs, designadamente em Bona (1982-1991), em Francoforte no Meno (1991-1992) e em Berlim (1992-2009), tendo-se jubilado

² “Das Universale Bild für diesen Bann einer Vergangenheit, «die nicht vergeht», ist der Schatten. Kein anderes Bild ist im deutschen Erinnerungsdiskurs so allgegenwärtig, was sich nicht zuletzt in einer Fülle ähnlich klingender Buchtitel niederschlägt. «Schatten» bedeutet nicht nur «nachhallende Präsens», sondern auch Verdunkelung und Verdüsterung” (Assmann, 2006, p. 278). [A imagem universal para este anátema de um passado, “que não passa”, é a da sombra. Nenhuma outra imagem está tão omnipresente no discurso alemão sobre a memória, como se verifica em particular na profusão de títulos de livros consonantes. “Sombra” significa não só “presente reverberado”, mas também escurecimento e obscuridade].

na Universidade de Humboldt. Passou a infância em Heidelberg, onde iniciou a Licenciatura em Direito, que viria a concluir na Universidade Livre de Berlim. Tem um filho, é militante da SPD (Sozialdemokratische Partei Deutschlands) e vive actualmente entre Berlim e Nova Iorque. Estreou-se como escritor apenas aos 43 anos de idade com *Selbs Justiz* (1987), um romance que enceta uma trilogia de policiais, incluindo *Selbs Betrug* (1992) e *Selbs Mord* (2001), protagonizada pelo inspector particular Selb³. As tramas narrativas destes policiais giram em torno do dilema alemão da *Vergangenheitsbewältigung* — um lexema composto alemão, com um significado individual e coletivo, que poderia traduzir-se por “reconciliação com o passado” ou “superação do passado” —, aliás um tema obsidante na obra literária e ensaística de Schlink⁴, incluindo obviamente n’*O Leitor*, o primeiro romance não policial que o escritor dá à estampa aos 51 anos de idade⁵. Traduzido em mais de quarenta e cinco línguas, incluindo a portuguesa (1998), *Der Vorleser* foi o primeiro romance alemão a ocupar o número um da lista dos livros mais vendidos do jornal *The New York Times*. Em 1995, mereceu os elogios do tão reputado quanto temido crítico literário Marcel Reich-Ranicki (1920-2013), no seu famoso programa *Das Literarische Quartett* (a 14 de Dezembro) do canal de televisão *Zweites Deutsches Fernsehen* (ZDF), mas foi apenas em 1999, no ano em que o romance foi eleito livro do mês pelo Oprah’s Book Club e em que Schlink foi entrevistado pela própria Oprah Winfrey, que dispararam extraordinariamente as edições e as respetivas vendas em todo o mundo, transformando o até então praticamente desconhecido escritor e professor universitário alemão num homem muito rico. O tão aclamado romance em apreço ficou ainda mais famoso após a adaptação ao cinema de que foi alvo em 2008, numa produção conjunta, alemã e americana. Com guião do dramaturgo britânico David Hare (*1947) e com realização do seu compatriota Stephen Daldry (*1961), *The Reader* foi

³ As investigações do detective Selb, um ex-delegado do Ministério Público nazi, remontam ao seu próprio passado, na época do Nacional-Socialismo e do Holocausto. Têm portanto como pano de fundo a Alemanha do pós-guerra, incidindo sobre o Holocausto e sobre a reconstrução do país. Schlink é ainda autor de um outro policial, intitulado *Die gordische Schleife* (1988).

⁴ No âmbito da obra ensaística de Schlink, merecem neste contexto uma referência especial *Heimat als Utopie* (2000), *Vergewisserungen – Über Politik, Recht, Schreiben und Glauben* (2005), *Vergangenheitsschuld. Beiträge zu einem deutschen Thema* (2007) e *Erkundungen. Zu Geschichte, Moral, Recht und Glauben* (2015). Todas estas obras vieram a lume com a chancela da casa editora suíça Diogenes.

⁵ *A Der Vorleser* seguiram-se a coletânea de narrativas *Liebesfluchten*, 2000 (em português, *Amores em Fuga*, 2004 e *O Outro Homem e Outras Histórias*, 2009) e ainda os romances *Die Heimkehr*, 2006 (em português, *O Regresso*, 2008), *Das Wochenende*, 2008 (em português, *O Fim de Semana*, 2010), *Sommerlügen*, 2010, e *Die Frau auf der Treppe*, 2014. Estas traduções portuguesas foram todas dadas à estampa pelas Edições Asa, que detêm os direitos de publicação da obra de Schlink em Portugal.

um êxito internacional estrondoso, tendo todavia suscitado críticas negativas muito contundentes, principalmente oriundas de meios intelectuais judeus norte-americanos⁶. A este sucesso não terá sido decerto alheia a magnífica interpretação de Kate Winslet (*1975) no papel de Hanna Schmitz — que lhe valeu numerosos e reputados prémios cinematográficos, incluindo o Óscar de Melhor Actriz pela Academia de Cinema, Artes e Ciências de Hollywood (2009) —, nem tão pouco os elogiados desempenhos do actor alemão David Kross (*1990) e do seu colega britânico Ralph Fiennes (*1962) nos papéis de Michael Berg, respectivamente enquanto jovem e na idade adulta.

A repercussão internacional do romance *O Leitor* tem vindo a ser reiteradamente comparada à de *O Tambor* (*Die Blechtrommel*, 1959) de Günter Grass e à de *O Perfume* (*Das Parfum*, 1985) de Patrick Süskind. Não é por isso de estranhar que a obra literária em apreço continue a constar não só dos programas do Ensino Secundário alemão a um nível superior (o Sekundarstufe II), mas também dos programas de muitas unidades curriculares universitárias em terras de Além-Reno e um pouco por todo o mundo, quer no âmbito da Literatura e da Cultura Alemãs, quer no âmbito do Direito Público, do Direito Social e da Filosofia do Direito.

Num estilo paratático, caracterizado por uma linguagem enxuta e precisa, que redundava frequentemente um tom interrogativo e de perplexidade que convida à reflexão — sintomaticamente, a crítica literária e jornalista Sandra Kegel considera que Schlink é “um virtuoso da concisão” [*ein Virtuose der Knappheit*] (Kegel, 2014) —, o romance apresenta-se estruturado em três partes, divididas em 46 capítulos curtos, por sua vez associadas a três diferentes planos temporais e espaciais. No ano de 1994/95, o protagonista e narrador na primeira pessoa Michael Berg relata retrospectivamente a história da sua relação amorosa com Hanna Schmitz, o fio condutor do romance.

Na primeira parte, que decorre no ano de 1958, Michael relata o fascínio e a dependência que sobre ele exercia aquela mulher madura, bela e misteriosa, que o tratava por “miúdo” (*Jüngchen*) e que lhe abria as portas da sua casa humilde, oferecendo-lhe despuadoradamente o seu corpo e iniciando-o no amor. O encontro diário entre os dois amantes

⁶ O escritor e jornalista Ron Rosenbaum, um dos mais conhecidos estudiosos da vida de Adolf Hitler, apelou nas vésperas da cerimónia dos Óscares pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas à não atribuição do cobiçado prémio norte-americano a *The Reader* (“We don’t need another «redemptive» Holocaust movie”), que considerava ser o pior filme alguma vez feito sobre o Holocausto, sublinhando que a iliteracia não poderia servir nunca de pretexto para exculpar o crime da morte de 300 pessoas pelas chamas (cf. Rosenbaum, 2009).

obedecia a um ritual, que consistia numa sessão de leitura (Hanna mostra-se interessada nos textos literários que Michael andava a estudar e pede-lhe que lhos leia), em tomarem banho juntos (a água é um motivo recorrente e aponta de algum modo para a necessidade de Hanna se purificar da sua culpa), em fazerem amor e em ficarem simplesmente deitados um ao lado do outro.

O desaparecimento inesperado e misterioso de Hanna, sem se despedir, dá início à segunda parte do romance, que gira em torno do julgamento, em 1966, de cinco ex-guardas do campo de concentração de Auschwitz, que haviam sido transferidas para um outro campo perto de Cracóvia. As mulheres eram acusadas de, durante um bombardeamento, terem deixado morrer queimadas várias centenas de prisioneiras judias que se encontravam fechadas numa igreja. Michael, que assiste ao julgamento na qualidade de aluno de Direito, depara-se com Hanna entre as acusadas. Só ao longo do processo em tribunal é que Michael vai tomando consciência de que certas reações estranhas de Hanna no passado, quando eram amantes, se prendiam com o facto de ela pretender esconder o seu analfabetismo. Acusada de ter escrito o relatório oficial das Waffen-Schutzstaffel (SS) sobre aqueles trágicos acontecimentos, e perante a iminência de um teste de grafologia, Hanna acaba por mentir, declarando que fora ela própria que redigira o relatório, com vergonha de expor publicamente a sua iliteracia. Apesar de reconhecer que a sua ex-amante tinha o direito de decidir e de guardar um segredo que ela considerava como sendo atentatório da sua dignidade, Michael sente culpa por não ter tido a coragem de a persuadir a admitir o seu analfabetismo no tribunal, mitigando assim de alguma forma a sua pena. Hanna é finalmente condenada a prisão perpétua.

A terceira parte do romance incide sobre a vida de Michael após o processo de tribunal, designadamente o seu casamento falhado, as relações frustradas com outras mulheres e, principalmente, o reencontro com Hanna. Sem conseguir libertar-se daquela relação amorosa que mantivera na adolescência, Michael decide começar a enviar a Hanna cassetes com obras literárias inteiras lidas por ele, retomando assim, em parte, o ritual dos seus primeiros encontros, apesar de nunca ter ido visitar Hanna na prisão. É com a ajuda das cassetes e através da requisição das respetivas obras na biblioteca da prisão que Hanna aprende a ler e a escrever. Pouco antes da data prevista para a libertação da ex-guarda nazi, a diretora da prisão pede a Michael que ajude Hanna a reintegrar-se socialmente, dado que ela não teria mais ninguém que a pudesse apoiar. Após um derradeiro encontro entre o casal de protagonistas nas instalações prisionais, Hanna suicida-se.

O repetido lexema alemão *Betäubung* (incluindo os seus derivados *Betäubtsein*, *betäubt...*), que neste contexto significa embotamento afectivo ou torpor perante a desu-

manidade, pode ser considerado a palavra-chave da terceira parte da narrativa, constituindo igualmente uma espécie de alicerce do código ideológico do romance (cf. Schlink, 1995, pp. 97, 98, 99, *passim*). O protagonista confessa ter padecido desse embotamento de sentimentos, que afetava não apenas os criminosos e as vítimas, mas também os afetava a eles — juízes e jurados, advogados do Ministério Público ou meros espectadores encarregados de fazer a ata, todos eles haveriam de ser afetados (cf. Schlink, 1995, p. 99; Schlink, 1998, p. 69)⁷. Num tom profundamente reflexivo, o narrador/protagonista interroga-se sobre as razões desse embotamento de que padeceriam as gerações dos *Nachgeborene*:

Zugleich frage ich mich und habe mich schon damals zu fragen begonnen: Was sollte und soll meine Generation der Nachlebenden eigentlich mit den Informationen über die Furchtbarkeiten der Vernichtung der Juden anfangen? Wir sollen nicht meinen, begreifen zu können, was unbegreiflich ist, dürfen nicht vergleichen, was unvergleichlich ist, dürfen nicht nachfragen, weil der Nachfragende die Furchtbarkeiten, auch wenn er sie nicht in Frage stellt, doch zum Gegenstand der Kommunikation macht und nicht als etwas nimmt, vor dem er nur in Entsetzen, Scham und Schuld verstummen kann. Sollen wir nur in Entsetzen, Scham und Schuld verstummen? [...] Aber daß einige wenige verurteilt und bestraft und daß wir, die nachfolgende Generation, in Entsetzen, Scham und Schuld verstummen würden – das sollte es sein? (Schlink, 1995, pp. 99-100)

[Ao mesmo tempo, pergunto-me algo que já então começara a perguntar-me: como devia e como deve fazer a minha geração, a dos que nasceram mais tarde, acerca das informações que recebíamos sobre os horrores do extermínio dos judeus? Não devemos aspirar a compreender o que é incompreensível, nem temos o direito de comparar o que é incomparável, nem de fazer perguntas, porque aquele que pergunta, ainda que não ponha em dúvida o horror, torna-o objeto de comunicação em vez de o assumir como algo perante o qual só se pode emudecer de espanto, de vergonha e de culpa. Devemos apenas calar-nos, espantados, envergonhados e culpados? [...] Mas pergunto-me se as coisas deviam ser assim: uns poucos, condenados e castigados, e nós, a geração seguinte, emudecida de espanto, de vergonha e de culpa.] (Schlink, 1998, pp. 69-70)

Michael não se envolvera, por exemplo, no movimento estudantil de 1968, que condenava o passado nacional-socialista e a Geração dos Perpetradores, porque considerava que apontar o dedo aos culpados não o libertava da sua culpa, intensificada ainda pelo facto de

⁷ As traduções portuguesas das citações de *Der Vorleser* que apresento são da autoria de Fátima Freire de Andrade, de acordo com a versão que foi publicada em 1998 pelas Edições Asa (vd. Schlink, 1998).

ter amado Hanna, já que o amor aos pais, por outro lado, era o único pelo qual a sua geração não poderia ser responsabilizada (cf. Schlink, 1995, p. 161; Schlink, 1998, pp. 112-113).

Apesar de Schlink ter admitido que o seu romance poderia ser considerado politicamente incorrecto, a verdade é que as reacções a *Der Vorleser* foram genericamente muito positivas, por vezes até entusiásticas, dentro e fora da Alemanha. Um dos aspectos que foi contudo mais disforicamente valorizado por diversos críticos foi a representação da personagem Hanna Schmitz, uma mulher monstruosa à qual o narrador na primeira pessoa conferiria um inaceitável rosto humano. Com efeito, o tratamento de que são alvo a iliteracia e os aspectos morais afetos ao comportamento de Hanna foi interpretado por alguns críticos norte-americanos como uma forma de branquear a culpa da *Tätergeneration* no Holocausto. Esta tendência da recepção de *Der Vorleser* foi partilhada, entre outros, por Eva Hoffmann no *The New Republic* (1998) e Cynthia Ozick na *Commentary Magazine* (1999), duas ensaístas e escritoras judias norte-americanas, às quais se vieram juntar o historiador judeu Omer Bartov na *New German Critique* (2000), o escritor Ian Samson na revista *Salmagundi* (1999-2000), o docente e o investigador William Collins Donahue, num artigo dado à estampa na *German Life and Letters* (2001) e ainda o investigador e docente de Filosofia John E. MacKinnon, em dois artigos vindos a lume nas revistas *Philosophy and Literature* e *Law and Literature*, respetivamente em 2003 e em 2004.

No Reino Unido, a publicação, em 2002, da colectânea *Liebesfluchten* de Schlink reacendeu no *Times Literary Supplement* um intenso debate em torno de *O Leitor*. Frederic Raphael, Gabriel Josipovici e Jeremy Adler criticaram, num conjunto de cartas ali publicadas, a representação da guarda do campo concentração e a simpatia que a assassina lograva concitar junto de leitores menos avisados⁸. Estas cartas tiveram eco na Alemanha, levando Jeremy Adler (poeta, professor de Língua Alemã em Oxford e filho de um sobrevivente de um campo de concentração) a publicar um artigo na *Süddeutsche Zeitung*, significativamente intitulado “A arte de gerar compaixão por assassinos” [*Die Kunst, Mitleid mit den Mördern zu erzwingen*] (cf. Adler, 2002). O escritor e crítico literário alemão Willi Winkler corroborou também na *Süddeutsche Zeitung* a avaliação negativa do romance avançada por Adler, qualificando o romance de “kitsch do Holocausto” [*Holo-Kitsch*], “fielmente alemão” [*treudeutsch*] e “repugnante” [*abscheulich*] (*apud* Hage, 2002). Já Volker Hage defendeu a narrativa em vários artigos vindos a lume na revista *Der Spiegel*, contestando

⁸ Sobre a controversa recepção de *Der Vorleser* na Alemanha e no estrangeiro, vd. Köster, 2000; Donahue, 2001; Hahn, 2003, p. 215; Bierich, 2009; Donahue, 2010, p. 4 ss., *passim*; e Hall, 2013.

expressamente a opinião de Winkler (cf. Hage, 1999; Hage, 2002), aliás à imagem de muitos outros reputados críticos literários alemães. Curiosamente, ou sintomaticamente, uma das recensões mais citadas de *Der Vorleser* foi assinada no *The Observer* pelo famoso filósofo, ensaísta e professor de Literatura Comparada norte-americano George Steiner, também ele judeu, que qualificou o romance de “obra de arte magistral”, advogando que “a única e privilegiada função do revisor é dizer tão alto quanto puder «Leia isto» e «Leia-o novamente»” (Steiner, 1997)⁹.

Der Vorleser inscreve-se, com efeito, na tradição literária alemã da *Vergangenheitsbewältigung*, que tem vindo a debruçar-se, desde 1945, sobre as questões da culpa individual e colectiva da *Tätergeneration* e sobre a vergonha sentida pelas gerações que nasceram após o período nacional-socialista. Numa entrevista que deu em 2009 à *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Schlink rejeita contudo liminarmente que *O Leitor* seja classificado como sendo um romance sobre o Holocausto, sublinhando ter escrito um livro sobre a relação entre a sua geração e a geração dos pais e sobre aquilo que estes fizeram (*apud* Kilb, 2009). As supramencionadas críticas de *Der Vorleser*, que consideram que a culpa de Hanna Schmitz é branqueada pelo facto de ela ser analfabeta, são também liminarmente refutadas por Schlink naquela mesma entrevista. Esta é de facto uma das questões mais polémicas de *Der Vorleser*. Hanna é uma personagem modelada, que evolui à medida que vai superando a sua iliteracia. A ambivalência do comportamento da ex-guarda prisional para com Michael na primeira parte do romance — por um lado, prestável e carinhosa (cf. Schlink, 1995, pp. 7, 33, *passim*; Schlink, 1998, pp. 8, 24, *passim*) e, por outro lado, fria, dominadora (cf. Schlink, 1995, p. 50, *passim*; Schlink, 1998, p. 35, *passim*), cruel (cf. Schlink, 1995, p. 54; Schlink, 1998, p. 38, *passim*) e até descontrolada e brutal (cf. Schlink, 1995, p. 116, *passim*; Schlink, 1998, pp. 79-80, *passim*) — é um sintoma da insegurança que decorre da iliteracia que a envergonha profundamente. Apesar de ser uma mulher claramente inteligente — numa das breves missivas que envia a Michael da prisão, mostrando-lhe que tinha aprendido a ler e a escrever, Hanna tece comentários simples, mas muito pertinentes, sobre as escritas de Arthur Schnitzler, de Stefan Zweig e de Goethe (cf. Schlink, 1995, p. 179; Schlink, 1998, p. 124 —, a protagonista tenta esconder a todo o custo o seu analfabetismo, fugindo das promoções laborais que lhe foram sucessivamente propostas, primeiro na Siemens (opta por se alistar nas Waffen-SS) e depois na Companhia dos Eléctricos. Mantém igualmente

⁹ “A masterly work [...] The reviewer’s sole and privileged function is to say as loudly as he is able, «Read this» and «Read it again»”.

a máscara durante o julgamento, quando é interpelada pelo facto de não ter respondido a nenhuma das cartas judicias que lhe tinham sido endereçadas e, finalmente, quando declara ter sido ela que redigira o relatório sobre o incêndio na igreja, preferindo passar por criminosa do que por analfabeta (“[...] durante o julgamento não teve dúvidas na escolha entre passar por analfabeta ou por criminosa” (Schlink, 1998, p. 88)¹⁰. A iliteracia de Hanna, sobre cujas causas a narrativa não fornece qualquer pista, não se resume apenas ao facto de ela não saber ler nem escrever, mas assume obviamente outros contornos. A iliteracia moral e política da guarda do campo de concentração nazi — que, por extensão, representa a iliteracia moral e política¹¹ de uma parte considerável da *Tätergeneration* — sobreleva com especial nitidez da forma como Hanna responde às perguntas do juiz, quando este a questiona sobre a razão que a levava a não abrir as portas da igreja em chamas a fim de salvar as prisioneiras judias:

Wir hätten sie doch nicht einfach fliehen lassen können! Wir waren doch dafür verantwortlich... Ich meine, wir hatten sie doch die ganze Zeit bewacht, im Lager und im Zug, das war doch der Sinn, daß wir sie bewachen und daß sie nicht fliehen. Darum haben wir nicht gewußt, was wir machen sollen. Wir haben auch nicht gewußt, wie viele Frauen die nächsten Tage überleben. Es waren schon so viele gestorben, und die, die noch lebten, waren auch schon so schwach...“ [...] “Was hätten Sie denn gemacht?” (Schlink, 1995, pp. 122-123)

[— Teve medo que, no caso de haver fugas, a senhora viesse a ser presa, condenada, fuzilada?
— Nós simplesmente não podíamos deixá-las fugir! Nós éramos responsáveis por elas... Quero dizer, nós vigiávamo-las durante todo o tempo, no campo de concentração e durante a marcha, esse era o objectivo, que as vigiássemos e que elas não fugissem. Por essa razão, não sabíamos

¹⁰ “Und nein, im Prozeß wog Hanna nicht zwischen der Bloßstellung als Analphabetin und der Bloßstellung als Verbrecherin ab” (Schlink, 1995, p. 128). Atente-se na tendência da tradução de Fátima Freire de Andrade para mitigar o tom reflexivo e de perplexidade que ressuma do comentário do narrador, em jeito de resposta a uma interrogação que pairaria na cabeça do leitor.

¹¹ Neste contexto, não resisto à tentação de parafrasear aqui uma interessante definição de analfabeto político em que se tropeça na internet, mas cujo autor não logrei identificar com certeza, embora seja reiteradamente atribuída a Bertolt Brecht: o pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa nos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo dos víveres, o preço do feijão, do peixe, do mel, da renda dos sapatos e dos medicamentos, que tudo isso depende de decisões políticas. O analfabeto político é tão estúpido que, de peito feito, afirma com orgulho que odeia política. O imbecil não sabe que da sua ignorância política resultam a prostituição, a criança abandonada e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, corrupto e lacaio de empresas nacionais e multinacionais.

o que deveríamos fazer. Nós também não sabíamos quantas mulheres iriam sobreviver aos dias seguintes. Tinham morrido já tantas, e as que ainda estavam vivas, [sic!] estavam tão fracas... [...] — O que é que o senhor teria feito? (Schlink, 1998, p. 84)

A resposta de Hanna e a pergunta desarmante que dirige ao juiz sublinham ainda o facto de este também pertencer à *Tätergeneration* e, como tal, não ser isento de culpa no Holocausto. A antítese com que Michael caracteriza o comportamento de Hanna — “«escrupulosamente sem escrupulos» no cumprimento do seu dever” (Schlink, 1998, p. 80)¹² — articula-se com o já referido embotamento geral de sentimentos, o tal torpor apático, que, no dizer do narrador, continuava a afetar as gerações dos *Täter* e dos *Nachgeborene*. Michael sente-se culpado por ter amado uma criminosa¹³, debatendo-se com o dilema moral de tentar compreender (*verstehen*) ou de condenar (*verurteilen*) o crime de Hanna:

Ich wollte Hannas Verbrechen zugleich verstehen und verurteilen. Aber es war dafür zu furchtbar. Wenn ich versuchte, es zu verstehen, hatte ich das Gefühl, es nicht mehr so zu verurteilen, wie es eigentlich verurteilt gehörte. Wenn ich es so verurteilte, wie es verurteilt gehörte, blieb kein Raum fürs Verstehen. Aber zugleich wollte ich Hanna verstehen; sie nicht zu verstehen, bedeutete, sie wieder zu verraten. Ich bin damit nicht fertig geworden. Beidem wollte ich mich stellen: dem Verstehen und dem Verurteilen. Aber beides ging nicht. (Schlink, 1995, pp. 151-152)

[Quería compreender e, ao mesmo tempo, condenar o crime de Hanna. Mas era demasiado medonho. Quando tentava compreendê-lo, tinha a sensação de já não o condenar como devia. Ao condená-lo como devia, não ficava nenhum espaço para a compreensão. Mas, ao mesmo tempo, eu queria compreender a Hanna; não a compreender, [sic!] significava dizer voltar a atraí-la.

¹² “[...] in der Erfüllung ihrer Aufgaben von gewissenloser Gewissenhaftigkeit [...]” (Schlink, 1995, p. 115).

¹³ “Allerdings änderte der Umstand, daß ich sie nicht vertrieben hatte, nichts daran, daß ich sie verraten hatte. Also blieb ich schuldig. Und wenn ich nicht schuldig war, weil der Verrat einer Verbrecherin nicht schuldig machen kann, war ich schuldig, weil ich eine Verbrecherin geliebt hatte. [...] Das aber, was andere aus meinem sozialen Umfeld getan hatten und womit sie schuldig geworden waren, war allemal weniger schlimm, als was Hanna getan hatte. Ich mußte eigentlich auf Hanna zeigen. Aber der Fingerzeig auf Hanna wies auf mich zurück. Ich hatte sie geliebt. Ich hatte sie nicht nur geliebt, ich hatte sie gewählt” (Schlink, 1995, p. 129, 162). [De qualquer modo, o facto de não ter sido eu a afastá-la não modificava em nada o facto de a ter atraído. Por isso, eu era culpado. E se não era culpado, porque atraí-la não poder ser motivo de culpa, era culpado porque amara uma criminosa. [...] Mas aquilo que outros do meu meio social haviam feito e que os tinham [sic!] tornado culpados, [sic!] não era nada comparado com o que Hanna fizera. Era a ela que tinha realmente de apontar o dedo. Mas o dedo apontado a Hanna voltava-se para mim. Eu tinha-a amado. Não a tinha apenas amado, eu tinha-a escolhido.] (Schlink, 1998, pp. 88, 113).

Não consegui resolver o dilema. Queria assumir as duas coisas ao mesmo tempo: a compreensão e a condenação. Mas não era possível.] (Schlink, 1998, p. 103)

Não é assim de admirar que *Der Vorleser* seja considerado um exemplo convincente da vitalidade e da fecundidade do tipo de textos a que Anne Teissier-Ensminger apelida de “jurisficção”¹⁴. Com efeito, a hesitação que o protagonista não logra resolver entre um sentimento de compaixão por Hanna e um imperativo de consciência que o obriga à sua condenação moral é explorada num interessante artigo de Jeremiah Patrick Conway, publicado em 1999 na revista *Philosophy and Literature* (cf. Conway, 1999). O investigador e professor universitário norte-americano considera que Schlink lança, n’*O Leitor*, um interessante desafio ao conceito de compaixão da reputada filósofa norte-americana Martha Nussbaum (2001). Ao contrário do pai do protagonista (que é filósofo) e do juiz, que privilegiam a vertente formal na maneira como julgam a ex-guarda do campo de concentração (entroncando numa longa tradição legal e filosófica que defende que a razão produz melhores resultados e de forma mais clara e objetiva se estiver distanciada de vieses associados a sentimentos), Michael é capaz de compreender o comportamento de Hanna mesmo antes de a julgar ou de a condenar (cf. Nussbaum, 2001, pp. 321-326). Esta atitude do narrador (que é também jurista) apontaria para uma possibilidade de reconciliação entre condenação moral e compaixão (cf. Conway, 1999, pp. 288-291). Reportando-se a Aristóteles, Nussbaum defende que o sentimento de compaixão envolve três traços distintivos: a crença de que outra pessoa está a sofrer alguma dor significativa ou infortúnio, a crença de que a outra pessoa está a sofrer alguma dor significativa ou infortúnio pelos quais ela não é total ou parcialmente culpada e a consciência da nossa própria vulnerabilidade ao infortúnio (*apud* Conway, 1999, pp. 285, ss.). Conway considera que Schlink, n’*O Leitor*, problematiza o segundo critério de identificação de Nussbaum, advogando que o escritor e jurista alemão demonstra nesta sua obra que deveria haver lugar para a compaixão na condenação moral de Hanna¹⁵. A compaixão de Michael seria, na opinião de

¹⁴ “[...] «jurisfiction» [...] comprise comme le type de textes qui parviennent à réaliser une fusion sans confusion des spécificités respectivement propres aux sphères réflexives et langières [sic!] du Droit e de la Littérature [...]” (Teissier-Ensminger, 2002, p. 302). [“jurisficção” (...) compreendida como o tipo de textos que logra realizar uma fusão sem confusão das especificidades próprias, respectivamente das esferas reflexivas e relativas à linguagem da Literatura e do Direito (...)].

¹⁵ “[The novel] never backs off the judgement that Hanna acted knowingly and wrongly. I never finds excuses for her deeds, Michael never contests, for example, the eighteen-year sentence that Hanna receives. The story acknowledges Hanna’s moral guilt and finds room for compassion nonetheless. It intimates that moral

Conway, “instrumental”, pois, através da recuperação de uma parte do ritual de leitura, Hanna acaba por aprender a ler e a escrever, sendo-lhe assim facultada a possibilidade de ser finalmente capaz de compreender as implicações morais das suas ações e de se julgar a si própria: “Compassion brings her to realize the enormity of the suffering she helped to cause” (Conway, 1999, p. 300). Por outro lado, num artigo publicado nesta mesma revista em 2003, John E. MacKinnon contraria explicitamente a interpretação de Conway, rejeitando o papel da emoção no julgamento da lei e criticando mesmo Schlink não só de pretender suscitar compaixão por alguém que merece apenas condenação, mas também de colocar erroneamente num mesmo nível a culpa de Hanna, a de Michael, a do seu pai e a do juiz (cf. MacKinnon, 2003, p. 16)¹⁶.

Michael tinha, na verdade, consciência de que apontar o dedo aos culpados não libertava as gerações dos *Täter* e dos *Nachgeborene* do seu sentimento de culpa, embora tornasse mais suportável o sofrimento que dele advinha (cf. Schlink, 1998, p. 112; Schlink, 1995, pp. 161-162). Sem negar o carácter hediondo do passado nazi e sem pretender dar respostas simples a questões tão complexas, Schlink debruça-se, nas longas reflexões que empreende em *Der Vorleser*, sobre a relação entre a *Tätergeneration* e aquelas gerações que tiveram a sorte de nascer mais tarde, mas igualmente marcadas por uma vergonha paralisadora, sobre um embotamento afectivo generalizado que continua perigosamente a afectar a sua própria geração, sobre os perigos que poderão decorrer da iliteracia *lato sensu* e sobre a relação entre o Direito e a Moral. As questões levantadas em *Der Vorleser* enfileiram numa longa tradição do pensamento filosófico europeu que tem vindo a debruçar-se sobre o que levará o ser humano a cometer actos hediondos. A este propósito, afirmou Schlink numa entrevista que deu em 2013 ao diário *Frankfurter Rundschau*:

Es gibt eine Tendenz, alles säuberlich in Gut und Böse zu scheiden, dass sich Zu- und Abneigung von selbst verstehen und Verführung, Versuchung und Verstrickung abstrus erscheinen – im Ausland wie bei uns. Im Ausland hat diese Tendenz lange das Deutschlandbild geprägt, der „Vorleser“ zeigte dagegen: Wir müssen damit leben, dass Menschen, die monströse Verbrechen begehen, nicht immer einfach Monster sind. (Schlink, *apud* Ahne & Geyer, 2013)

condamnation is possible without distancing criminals from us so greatly that we fail to recognize ourselves in their midst” (Conway, 1999, p. 298).

¹⁶ A propósito da visão de Schlink sobre o sistema jurídico que julgou Hanna, vd., igualmente, MacKinnon, 2004.

[Há uma tendência para dividir tudo de forma muito nítida entre bem e mal, ao ponto de benevolência e malevolência serem tão evidentes que falam por si e de sedução, tentação e enredamento serem vistos como algo de abstruso – tanto no estrangeiro como entre nós. Esta tendência há muito que vem moldando a imagem da Alemanha no estrangeiro, mas *O Leitor* mostra o contrário: temos de viver com o facto de criminosos monstruosos nem sempre serem simplesmente monstros.]

Já Hannah Arendt, na sua famosa obra *Eichmann em Jerusalém* (1963), defendia a tese de que o mal se banalizara na Alemanha nazi, incluindo entre judeus, e que Adolf Eichmann, um dos responsáveis pela chamada “solução final” (*Endlösung*), não seria propriamente um monstro, mas apenas um funcionário zeloso, incapaz de questionar as ordens superiores. Numa linha de pensamento semelhante, o escritor italiano Primo Levi, conhecido sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, sublinhava, no pós-fácio da sua célebre obra autobiográfica *Se Isto É um Homem* (1947), que os que são mesmo perigosos são aqueles que são tidos como pessoas normais, pois não existem monstros em número suficiente para que possam constituir realmente um perigo¹⁷.

As grandes obras de arte são aquelas que se vão da lei da morte libertando e que continuam de algum modo a responder às perplexidades que afligem os seus leitores. Na Europa hodierna em crise e a braços não só com um verdadeiro tsunami de migrantes e refugiados, a maioria dos quais com outras mundivências, com outros credos e com outras religiões, mas também com uma crescente e perigosa radicalização política e social, o romance *Der Vorleser* ganha uma actualidade muito especial. Esta obra é, na verdade, um exemplo do “bom uso das feridas da memória”, como diria Paul Ricoeur (2005), dado que a investigação em torno da memória seria de todo em vão se não contribuísse para uma compreensão mais profunda do presente e uma melhor planificação do futuro. Continuemos, pois, a interrogar-nos sobre as causas imediatas e profundas do Holocausto moderno que está aqui mesmo à nossa porta, no Mar Mediterrâneo, refletindo, na senda iluminista de Max Horkheimer e de Theodor Adorno (1944), sobre as razões que levarão a humanidade a cair em novas formas de barbárie, ao invés de enveredar por uma condição verdadeiramente humana (cf. Horkheimer & Adorno, 1969, Vorrede). No complexo mundo em que vivemos, em que as teias de poder instigadoras da guerra e do medo se tornam cada vez menos palpáveis e mais obscuras, é urgente sustentar o pensamento humanista afeto

¹⁷ “Es gibt Ungeheuer, aber sie sind zu wenig, als dass sie wirklich gefährlich werden können. Wer gefährlich ist, das sind die normalen Menschen” (*apud* Dölling, 2014, p. 40).

às matrizes europeias com ações concertadas e consequentes, pois para que o mal triunfe basta que os bons nada façam¹⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adler, J. (2002). Die Kunst, Mitleid mit den Mördern zu erzwingen. Einspruch gegen ein Erfolgsbuch: Bernhard Schlinks „Der Vorleser“ betreibt sentimentale Geschichtsfälschung. *Süddeutsche Zeitung*. 20.04. URL: http://kghalle.nw.lo-net2.de/12dw07/.ws_gen/?24 (Acedido em Setembro de 2015).
- Ahne, P. & Geyer, S. (2013). Nicht nur Monstren begehen Verbrechen. Interview mit Bernhard Schlink. *Frankfurter Rundschau*, 11. April. URL: <http://www.fr-online.de/kultur/interview-mit-bernhard-schlink-nicht-nur-monster-begehen-verbrechen-,1472786,22340012.html> 24 (Acedido em Setembro de 2015).
- Horkheimer, M. & Adorno, T. (1969). Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente. URL: http://ps.vetomat.net/wp-uploads/2012/09/dialektik_aufklaerung.pdf (Acedido em Setembro de 2015).
- Assmann, A. (2006). *Der lange Schatten der Vergangenheit. Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*. München: Verlag C. H. Beck.
- Bierich, N. (2009). Kulturpornografie, Holo-Kitsch und Revisionismus – *Der Vorleser* kommt ins Kino. *Zeitgeschichte-online*, Februar. URL: http://www.zeitgeschichteonline.de/zol/portals/_rainbow/documents/pdf/bierich_vorleser.pdf (Acedido em Setembro de 2015).
- Conway, J. P. (1999, October). Compassion and Moral Condemnation: An Analysis of *The Reader*. *Philosophy and Literature*, 23 (2), 284-301.
- Doerry, M. von & Hage, V. (2000, 24.01). Ich lebe in Geschichten. *Spiegel*, 4, 180-184. URL: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-15502682.html> (Acedido em Setembro de 2015).
- Dölling, D. (2014). Gewalt und Recht aus kriminologischer und strafrechtlicher Perspektive. In Kick, H. A. & Sundermeier, Th. (Hg.), *Gewalt und Macht in Psychotherapie, Gesellschaft und Kunst* (pp. 33-44). Berlin: LIT Verlag.
- Donahue, W. C. (2010). *Holocaust as Fiction. Bernhard Schlink's "Nazi Novels" and Their Films*. New York: Palgrave MacMillan.
- Donahue, W. C. (2001). Illusions of Subtlety. Bernhard Schlink's *Der Vorleser* and the Moral Limits of Holocaust Fiction. *German Life and Letters*, 54, 60-81.
- Fouteau, C. (2013, 23.12). La Maire de Lampedusa Dénonce un "Holocaust Moderne" en Méditerranée. *Mediapart*, 23.12. URL: <http://www.mediapart.fr/journal/international/251213/la-maire-de-lampedusa-denonce-un-holocauste-moderne-en-mediterranee> (Acedido em Setembro de 2015).
- Hage, V. (1999, 20.03). Gewicht der Wahrheit. *Der Spiegel*, 13. URL: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-10630228.html> (Acedido em Setembro de 2015).
- Hage, V. (2002, 09.04). Literatur-Debatte: Autoren unter Generalverdacht. *Der Spiegel*,. URL: <http://www.spiegel.de/kultur/literatur/literaturdebatte-autoren-unter-generalverdacht-a-190969.html> (Acedido em Setembro de 2015).

¹⁸ A autoria desta célebre frase, genericamente atribuída a Edmund Burke, continua a gerar controvérsia.

- Hahn, H-J. (2005). Empathielosigkeit als "deutsches Schicksal". *Repräsentationen des Holocaust. Zur west-deutschen Erinnerungskultur seit 1979*. (pp. 215-240). Heidelberg: Universitätsverlag Winter. [Probleme der Dichtung. Studien zur deutschen Literaturgeschichte, Bd. 33].
- Hall, K. (2013). Text Crimes in the Shadow of the Holocaust. The Case of Bernhard Schlink *Der Vorleser / The Reader*. In Cheesman, T. (ed.), *German Text Crimes. Writers Accused from the 1950s to the 2000s* (pp. 193-208). Amsterdam / New York: Rodopi.
- Hoffman, E. (1998, 23 March). The Uses of Illiteracy. *New Republic*, 218 (12), 33-36.
- Kegel, S. (2014, 06.07). Bernhard Schlink zum Siebzigsten. Vergangenheit, Schuld und Sühne. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. URL: <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/autoren/dem-autor-bernhard-schlink-zum-siebzigsten-13017359.html> (Acedido em Setembro de 2015).
- Kilb, A. (2009, 20.02). Herr Schlink, ist „Der Vorleser“ Geschichte? *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. URL: <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/im-gespraech-bernhard-schlink-herr-schlink-ist-der-vorleser-geschichte-1100720.html> (Acedido em Setembro de 2015).
- Köster, J. (2000). *Bernhard Schlink, "Der Vorleser"*. München: Oldenbourg Schulbuchverlag.
- Lourenço, E. (2013). Europa: Um Continente do Passado? *Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies*, 1 (1), 7-13.
- MacKinnon, J. E. (2003). Crime, Compassion, and *The Reader*. *Philosophy and Literature*, 27 (1), 1-20.
- MacKinnon, J. E. (2004). Law and Tenderness in Bernhard Schlink's *The Reader*. *Law and Literature*, 16 (2), 179-201.
- Nussbaum, M. (2001). *Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions*. Cambridge / New York: Cambridge University Press.
- Ozick, C. (1999). The Rights of History and the Rights of Imagination. What happens when fiction is permitted to have its way with the actuality of the Nazi death camps?. *Commentary Magazine*, Mar. 1. URL: <https://www.commentarymagazine.com/articles/the-rights-of-history-and-the-rights-of-imagination/> (Acedido em Setembro de 2015).
- Ricoeur, P. (2005). *O Bom Uso das Feridas da Memória* [In Les résistances sur le Plateau Vivarais- Lignon(1938-1945); Témoins,témoignages et lieux de mémoires. Les oubliés de l'histoire parlent, Editions du Roure, 2005]. URL: http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/o_bom_uso_das_feridas_da_memoria (Acedido em Setembro de 2015).
- Rosenbaum, R. (2009, 09.02). Don't give an Oscar to *The Reader*. *Slate*. URL: http://www.slate.com/articles/life/the_spectator/2009/02/dont_give_an_oscar_to_the_reader.html (Acedido em Setembro de 2015).
- Schlink, B. (1998). *O Leitor*. Tradução do Alemão por Fátima Freire de Andrade. Alfragide: Edições Asa.
- Schlink, B. (1995). *Der Vorleser*. Zürich: Diogenes Verlag.
- Sansom, I. (1999-2000). Doubts about *The Reader*. *Salmagundi*, 124-125 (fall 1999-winter 2000), 3-16.
- Steiner, G. (1997, November 2). He Was Only a Boy But He Was Good in Bed. Review of Bernhard Schlink's *The Reader*, translated by Carol Brown Janeway. *The Observer*, 15.
- Teissier-Ensminger, A. (2002). Une lecture odysseenne de l'Histoire du Droit: *Le Liseur* de Bernhard Schlink. In Ost, F. et al. (dir.), *Lettres et Lois. Le Droit au Miroir de la Littérature* (pp. 257-304). Bruxelles: Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis.

RESUMO

Internacionalmente celebrizado pela aplaudida adaptação ao cinema realizada por Stephen Daldry (2008), o romance *Der Vorleser* [O Leitor] (1995), da autoria do escritor, jurista e professor de Direito alemão Bernhard Schlink (*1944), levanta uma série de questões que ganham hoje em dia, numa aparente "Europa alemã" (expressão usada por Thomas Mann em contraponto a uma "Alemanha europeia") e a braços com uma grave crise financeira e política, uma relevância muito especial. Refiro-me especificamente à problemática da iliteracia *stricto sensu*, mas também à iliteracia moral e político-social, ao trauma da memória do Holocausto na geração alemã do pós-guerra e às formas diversas de lidar com um passado (*Vergangenheitsbewältigung*), cuja "longa sombra" (tomando de empréstimo a feliz expressão "*der lange Schatten der Vergangenheit*" de Aleida Assmann) se projecta inexoravelmente no presente. Será fundamentalmente nestes temas que me deterei, tentando reflectir sobre a forma como a História recente continua a ocupar e a marcar as diversas gerações alemãs desde os anos 30 do século XX, sobre o futuro de uma Europa nascida do trauma da Segunda Guerra Mundial e ainda sobre a questão da banalidade do mal.

ABSTRACT

Internationally acclaimed via the film directed by Stephen Daldry (2008), the novel *Der Vorleser* [The Reader] (1995), by the German law professor and judge Bernhard Schlink (*1944), raises a series of relevant, current issues, in an apparent "German Europe" (an expression used by Thomas Mann as opposed to a "European Germany") plunged in a major financial and political crisis. I am referring specifically to the issue of literacy *stricto sensu*, but also to the moral, political and social illiteracy, the trauma of the memory of the Holocaust in the German postwar generation and the various ways of dealing with such a past (*Vergangenheitsbewältigung*), whose "long shadow" (making use of the phrase "*der lange Schatten der Vergangenheit*", by Aleida Assmann) is inexorably projected onto the present. These are, thus, the topics that this article aims at exploring, namely a reflection on the ways in which recent history continues to affect the various German generations since the 1930s, what will be the future outcome of a Europe born from the trauma of World War II and, finally, on the issue of the banality of evil.